

Ministério

Adventista

Maio-Junho de 1967

Demasiada AGITAÇÃO

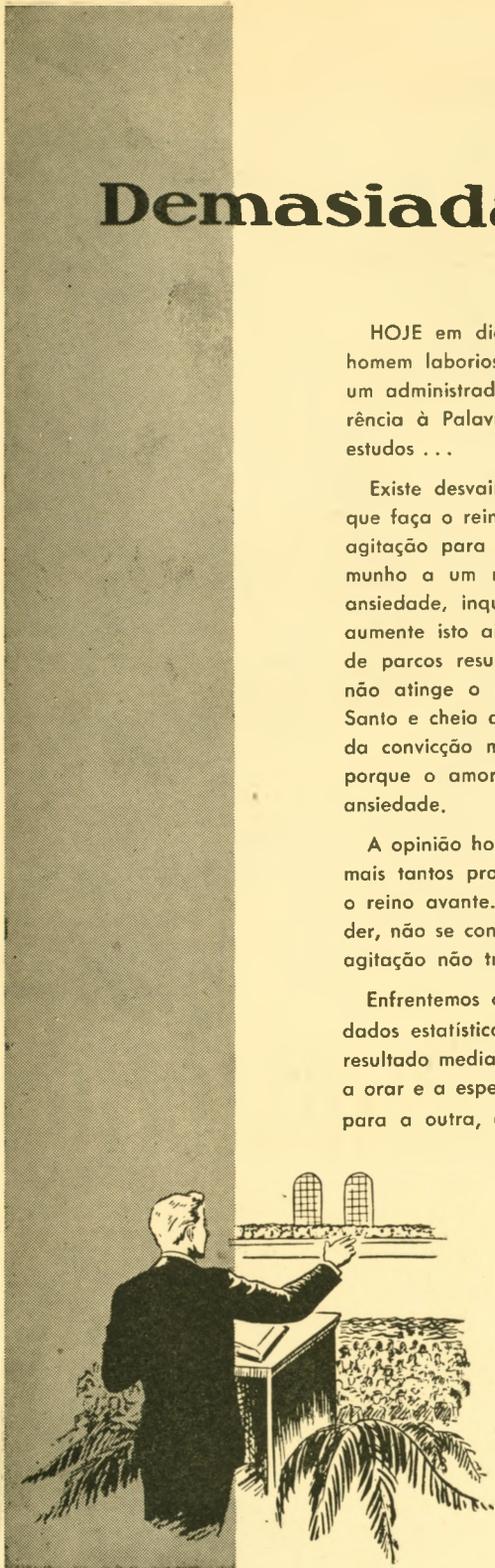
HOJE em dia o pregador é um obreiro, não uma testemunha; um homem laborioso, não um pregador; um empresário, não um ministro; um administrador, não um embaixador. Ele estuda métodos de preferência à Palavra de Deus; possui um escritório, não um gabinete de estudos . . .

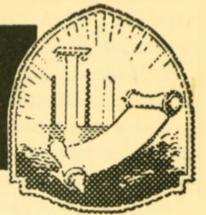
Existe desvairado apêgo a novos métodos, a fim de descobrir algo que faça o reino avançar. Tem-se a impressão de que Deus faliu. Essa agitação para manter as coisas em funcionamento é um pobre testemunho a um mundo em necessidade. O mundo já possui suficiente ansiedade, inquietação e insegurança, e não é preciso que a igreja aumente isto ainda mais. Tal excitação no trabalho, sob a convicção de poucos resultados, pode ser melhor do que não fazer nada, mas não atinge o âmago da dificuldade. O homem repleto do Espírito Santo e cheio de amor não labuta para Deus sob a tensão e o acicate da convicção motivada por pequenos dados estatísticos. Ele trabalha porque o amor e a união do Espírito Santo removem a tensão e a ansiedade.

A opinião hoje em dia é que tantos programas, mais tanta atividade, mais tantos projetos, produzirão resultados. Isto por si só não levará o reino avante. A menos que o Espírito Santo opere com grande poder, não se convencerão e converterão almas. E toda a nossa frenética agitação não trará o Espírito Santo.

Enfrentemos a realidade da questão: não estamos satisfeitos com os dados estatísticos; não possuímos os recursos espirituais que produzam resultado mediante a operação do Espírito Santo; não estamos dispostos a orar e a esperar em Deus . . . , e por isso precipitamo-nos duma parte para a outra, a fim de promover as coisas mediante a multiplicação de métodos e o entusiasmo humano. Desconhecemos o valor confirmado pelo tempo, da obra ordinária (embora não seja absolutamente comum) da oração intercessória, do apêlo persistente, dos testemunhos sinceros e da pregação bíblica.

— H. TJEKEMA, em The Free Methodist.





“Purificai-vos”

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Associação Geral



FOI um terrível golpe! Eu sempre admirara o Pastor Fulano de Tal. Ele era um líder dinâmico. Sua pregação nunca deixou de comover-me. Para mim, como estudante no colégio, era ele o próprio epítome de tudo o que deveria ser um administrador adventista. Por certo a notícia não

podia ser verdadeira!

Infelizmente ela era verdadeira. O Pastor Fulano de Tal se achava fora da obra e perdera suas credenciais. Não era eu a única pessoa na União cuja fé foi abalada pela queda moral deste líder popular.

“Aproximamo-nos do juízo,” escreveu a serva do Senhor, “e os que dão a mensagem de advertência ao mundo, devem ter mãos limpas e corações puros. Devem ter uma ligação íntima com Deus.”¹ Uma das maiores tragédias da obra é ver um homem que desfrutou o respeito e a confiança de seus irmãos ser obrigado a abandonar o trabalho e trazer vitupério à causa de Deus devido a indiscrição ou deslize moral. Esses “dolorosos desenvolvimentos do mal são uma das maiores evidências que temos de que o fim está próximo.”²

Não devemos surpreender-nos de que Satanás dirija seu ataque contra o ministério — os líderes na causa de Deus — pois vivemos nos derradeiros dias da história terrestre, e ele manifestará seu furor e empregará suas subtilezas de modo especial contra os escolhidos embaixadores de Deus. Ele sabe que quando cai um ministro sua influência provavelmente induzirá outros a perder a fé e a cair talvez também na beira da estrada.

E o que deveria alarmar cada obreiro adventista é a triste realidade de que nenhum de

nós está livre de perigo. Não importa quanto tempo tenhamos seguido a verdade, quão impecável seja nosso registo ou quão elevada seja a posição que ocupamos, não estaremos seguros um momento sequer se nos demormos no terreno encantado de Satanás.

Alguns “casos” começam de modo bastante inocente — excessivas relações de amizade com obreiros ou membros do sexo oposto — muitas vezes no cumprimento do dever. Em certas ocasiões isto se dá durante o trabalho realizado à noite ou em outros períodos extras nos quais as pessoas se encontram sôzinhas no escritório. Outras vezes acontece em viagens de automóvel — talvez a serviço. Mesmo as atividades espirituais de conselho pastoral no lar ou na escola podem tornar-se fatores envolventes. Satanás pode inventar milhares de armadilhas para seduzir obreiros desprevenidos que não mantêm constante vigilância. Como ministros do evangelho, convém que ponderemos cuidadosamente os trágicos resultados de nos tornarmos prêsas de Satanás.

Os Dolorosos Resultados do Pecado

A indiscrição e a lassidão moral causam a perdição de almas. Lembro-me de um de nossos ministros que fora enviado a uma cidade aonde não chegara ainda a mensagem adventista. Ele labutou com afincos. Evidentemente o Senhor abençoara seu ministério. Dentro de alguns meses vinte e duas pessoas estavam-se preparando para o batismo. Então Satanás iniciou sua obra enganosa. Aquêlê homem dedicava excessiva amizade a uma das candidatas ao batismo. De repente êle desapareceu, abandonando a esposa e a família. Poucas semanas mais tarde, ao chegar outro ministro e procurar restabelecer o interêsse despertado, obteve fria

recepção. Que certeza tinham as pessoas interessadas de que ele seria correto moralmente? Das vinte e duas pessoas apenas algumas se uniram finalmente à igreja.

Um deslize moral produz imensa aflição, pesar e desonra nos lares das partes afetadas. A confiança da esposa e dos filhos fica abalada quando se torna conhecido que o marido e pai foi infiel. O homem a quem respeitavam e admiravam é subitamente removido de seu pedestal por sua própria indiscrição. Corações inocentes têm sido despedaçados pela ignomínia na cruel seqüência dos acontecimentos.

O desvio moral destrói a confiança entre os membros e os obreiros e traz opróbrio à causa de Deus. “A conduta dum ministro de Cristo proporciona fatos para serem comentados por línguas difamatórias.”³ Disse Natã a respeito do adultério de Davi: “Com êste feito deste lugar sobremaneira a que os inimigos do Senhor blasfemem.” II Sam. 12:14. Quando cai um ministro ou outro dirigente, o impacto de sua transgressão é tão amplo quanto a influência de seu cargo. Com muita freqüência, outros que perdem a fé devido a ficarem desapontados com a queda de seu líder, mais cedo ou mais tarde também acabam abandonando a verdade. Os jovens e os membros mais fracos são especialmente afetados por tais experiências.

A lassidão moral prende as mãos dos dirigentes. Escreveu a mensageira do Senhor a respeito de Davi depois que êste cometera sua grande transgressão: “Uma intuição de sua culpa conservava-o silencioso quando êle teria condenado o pecado; tornava fraco o seu braço para executar justiça.”⁴ O dirigente está com as mãos amarradas ao tratar com as indiscrições de outros obreiros se suas próprias vestes estão manchadas — se o dedo acusador é apontado para êle.

A indiscrição e a debilidade moral dissipam dinheiro sagrado. Às vezes certos atos que se aproximam de repulsiva indiscrição enfraquecem tanto a influência de um ministro ou dirigente que êle precisa ser transferido para outra localidade. Ocasionalmente missionários têm de ser enviados de volta para a pátria. Milhares de dólares são gastos devido ao mau procedimento de alguém — dinheiro êste que de outro modo poderia ser empregado para o avanço da causa de Deus. Às vezes a conduta insensata origina boatos que causam tanto dano como os atos de indiscrição, e os obreiros têm de ser transferidos ou enviados de volta. O dinheiro do Senhor é desperdiçado!

Deus Exige Ação

Deus exigiu que Israel removesse o anátema do meio deles (Jos. 7:12). “Limpai o acam-

pamento, pois nêle há anátema.”⁵ Não resta dúvida de que Deus aborrece o pecado no arraial de Israel. Êle não o tolerará. Nós como dirigentes também não o devemos fazer.

“Limpai o campo dessa corrupção moral, atinja ela os mais altos homens nas posições mais elevadas. Deus não será escarnejado.”⁶ Uma posição de responsabilidade não é proteção contra as tentações da carne. Deus expõe com clareza como se deve agir quando aparecem tais situações.

“Quando homens e mulheres de ampla experiência, e que têm sido considerados modelos de piedade, se revelam em seu verdadeiro caráter — não santificados, sem santidade, de pensamentos impuros, de conduta degradante — então é tempo de tais pessoas serem tratadas de maneira decisiva.”⁷

Ter Certeza Antes de Acusar

Em nenhum caso de disciplina devem os dirigentes estar mais seguros de sua atitude do que ao lidar com a acusação que envolva o bom nome de um obreiro. Através dos anos tenho conhecido boateiros que procuravam difamar certas pessoas de que não gostavam. Nalgumas regiões do mundo a primeira acusação lançada contra um inimigo é a de deslize moral. Nalgumas ocasiões descobre-se que não há fundamento para tais acusações, e a pessoa inocente sofre devido à acusação que lhe foi feita, mas o causador da dificuldade sai impune.

Às vezes há pessoas que pretendem saber muito, mas não têm a coragem de enfrentar um irmão ofendido, pois não possuem realmente qualquer prova. Aceitaram apenas o que ouviram dizer, ou, se muito, evidências circunstanciais que não resistirão ao pêsso da investigação.

Em certa localidade recebi uma carta anônima contendo acusações morais contra um de nossos melhores obreiros. Fiquei abatido. Deveria enfrentar aquêle jovem com a acusação, ou não? Se eu o fizesse, e êle fôsse inocente, seria um terrível golpe. Mesmo que êle fôsse reabilitado, sempre acharia que eu tinha alguma dúvida a seu respeito. Depois de lutar vários dias com o problema, resolvi abrir os olhos e fechar a bôca, visto que o acusador não tivera suficiente coragem para assinar o nome.

Anos mais tarde, quando fui transferido para milhares de quilômetros de distância, quão contente fiquei ao receber outra carta anônima na mesma caligrafia da anterior. Dizia assim: “Prezado Pastor Pierson, faz alguns anos escrevi-lhe acusando o Pastor Fulano de adultério. Depois dêsse tempo eu me converti. Por favor, perdoe-me. A tanto que eu saiba, o Pastor Fulano nunca cometeu aquela falta. Eu apenas estava procurando vingar-me dêle por

aparente desprezo que êle me fêz.”

É terrível acusar de deslize moral a uma pessoa inocente!

Nossa Necessidade Como Obreiros

“Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor,” admoesta o profeta do evangelho (Isa. 52:11). A mensagem pura de Deus requer mensageiros puros!

Nossa única segurança consiste em permanecer completamente afastados do terreno encantado de Satanás — cortar pela raiz qualquer tendência que afinal nos exponha a descrédito e nos faça cair.

“Abstende-vos de tôda a aparência do mal,” adverte Paulo em I Tess. 5:22. “Fugi e afastai-vos dêle — em qualquer forma ou natureza em que se manifeste.” — *The Amplified Bible*. Nossa segurança está em “afastar-nos do mal em qualquer forma.” — *The New Testament in Modern English*.

Como obreiros na causa de Deus, não ousamos brincar com fogo. “Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem?”

Ou andaré alguém sôbre brasas, sem que se queimem os seus pés?” pergunta o sábio Salomão (Prov. 6:27 e 28).

Esta advertência aponta o perigo, não importa quão casual ou aparentemente inofensivo, que pode conduzir a ruína moral e profunda aflição.

Graças a Deus, há auxílio para nós neste mundo corrompido. Não somos deixados a balhar sôzinhos! Existe Alguém que é poderoso para guardar a vós e a mim de tropeçar, e de “apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória.” S. Judas 24. Só estamos realmente seguros quando tôdas as nossas emoções se acham sob o Seu contrôle. A fim de ser puros ao levar os vasos do Senhor, “devemos conservar-nos bem perto de nosso grande Líder.”⁸

REFERENCIAS:

1. *Testemunhos Para Ministros*, pág. 426.
2. *Ibidem*.
3. *Testimonies*, Vol. 3, pág. 236.
4. *Patriarcas e Profetas*, 2.^a ed., pág. 777.
5. *Testemunhos Para Ministros*, pág. 428.
6. *Idem*, pág. 427.
7. *Idem*, pág. 426.
8. *Idem*, pág. 432.

Cristo Como Dirigente

GASTÓN CLOUZET

Presidente da Associação Uruguáia



DECLARA o apóstolo em I S. Pedro 2:21: “Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os Seus passos.” O Senhor é exemplo para cada membro de igreja, oficial, ancião, pastor, presidente de Associação, União, Divisão e da Associação Geral. Cristo é nosso exemplo como dirigente da

causa do Altíssimo.

O que primeiro nos impressiona em Jesus como dirigente, é Sua total dependência de Deus. Era homem de oração. Os evangelhos nos contam que amiúde Se levantava alta madrugada para orar, e nos dizem também que muito tempo depois de terminado o dia, o Mestre continuava orando. Em S. Lucas 3:21 afirma-se que “estando Êle a orar, o Céu se abriu.”

Quando Jesus orava, o Céu se abria. O Mestre dependia de Seu Pai celestial. Recebia sabedoria e fôrça para agir como dirigente. Seu Pai celestial proporcionava-Lhe isto. Nós também, como dirigentes, acima de tudo, devemos ser homens de oração. Devemos viver em íntima comunhão com o Céu, totalmente dependentes do Altíssimo, e receber do Pai a sabedoria e a fôrça de que necessitamos em nossa tarefa.

Lemos em S. João 13:1: “Tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.” Jesus amava a Seus discípulos. Sua relação com Seus colaboradores se baseava no amor. Não veio demitir ninguém da obra. Amava a todos. Trabalhou incansavelmente para que tivessem bom êxito. E finalmente, se um dêles se perdeu, foi porque êsse discípulo quis perder-se. É evidente que o Mestre fêz todo o possível a fim de salvá-lo para a obra

e o reino. Tais deviam ser também nossos sentimentos, como dirigentes, para com os obreiros que nos acompanham. Nossa relação com eles deve basear-se no amor. Devemos trabalhar fervorosamente para encaminhá-los, com a ajuda de Deus, por sendas de triunfo. Cumpre-nos lembrar sempre que o êxito deles é nosso êxito, e que o fracasso de nossos colaboradores é nosso fracasso.

Ao estudar os evangelhos, notamos com muita clareza que Jesus não veio a este mundo para improvisar. Disse Ele certa ocasião: "A Minha comida consiste em fazer a vontade daquele que Me enviou, e realizar a Sua obra." S. João 4:34. Em Sua memorável oração sacerdotal, registrada em S. João 17:4, acrescentou o Salvador: "Eu Te glorifiquei na Terra, consumando a obra que Me confiaste para fazer." Ele veio desempenhar um plano. Cumpriu-o com total exatidão e eficiência. Nada do que fez esteve baseado em improvisação. Neste sentido Ele também é nosso exemplo.

Se somos sinceros e imparciais, teremos que reconhecer que se a obra do Senhor não avança tão rapidamente como desejaríamos, em grande medida é porque estamos atravessando verdadeira crise de planificação e organização. O dirigente cristão que imita a Jesus, elabora planos e os executa com metódica organização e dinamismo. Inspira seus obreiros a também planejarem e organizarem. Em harmonia com a Mesa Administrativa, ele traça os planos gerais que deve levar a cabo em seu campo ou instituição, de maneira que nada se fundamente em improvisação, e tudo se realize para glória de Deus e progresso da obra.

Quanto a Seu sistema de organização, encontramos eloqüente exemplo no incidente relatado em S. Marcos 6:37-41, que se refere à alimentação dos cinco mil, com alguns peixinhos e pães. Estes versículos constituem um tratado de organização cristã. Vemos as pessoas sentadas em grupos regulares, formando quadros perfeitos, como quarteirões de alguma cidade moderna, com ruas para os discípulos poderem transitar. Vemos o Mestre multiplicando milagrosamente os pães e os peixes, e distribuindo esse alimento milagroso aos discípulos, para que eles por sua vez os distribuam à multidão. A organização de Jesus também encerrava economia. Ao terminar aquela cena maravilhosa, sobram doze cestos. Nada se perdeu.

Outro traço do caráter de Jesus que O torna um exemplo para os dirigentes cristãos, é a ordem. "Chegou pois Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis, e que o lenço, que tinha estado sobre a Sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte." S. João 20:6 e 7. Jesus não deixou em desordem os lençóis e o

sudário. Tomou tempo e Se deu ao trabalho, no instante de Sua glorificação, de deixá-los corretamente dobrados e guardados. Grande parte do atraso na obra do Senhor é fruto da desordem. Imitemos a Jesus também neste ponto.

Jesus é nosso exemplo no caráter. Pedro nos diz que Ele era irrepreensível. Com efeito, assegura-nos que "não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em Sua bôca." I S. Ped. 2:22. A irmã White declara que "há pecadores no ministério." Indubitavelmente a serva do Senhor não se refere apenas aos adúlteros, desonestos e mentirosos. Também é pecador aquele que procura escalar alturas na obra sem deixar que Deus dirija sua vida e o coloque no lugar em que poderia servir à causa com maior proveito. Também é pecador o dirigente que tece intrigas para conseguir fins aparentemente cristãos e louváveis, mas que em última instância não são mais que a cristalização de suas próprias ambições e egoísmos. É pecador o pretenso dirigente cristão que leva a cabo insidiosa campanha de desprestígio de algum ou de alguns de seus colegas no ministério, com o propósito de estorvar-lhes os passos ou impedi-los de avançar. É pecador o dirigente cristão que age de forma instintiva diante de seus colaboradores: por simpatia ou antipatia, e que por isso perde a equanimidade e o equilíbrio em seu trato com o próximo, e diz coisas e realiza atos que tendem a promover desmedidamente aqueles aos quais favorecem, e a desanimar os que não têm o privilégio de gozar de seu favor. Jesus não era assim. "Não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em Sua bôca." Devemos ser como Ele. Só o conseguiremos estudando a fundo Sua vida, submergindo nossa vida na Sua e permitindo-Lhe habitar em nosso coração, como resultado de consagração plena e cabal.

Talvez um dos resumos mais impressionantes do amoroso plano de Deus para salvar o homem se encontre em Filipenses 2:5-7. Vemos ali a Jesus em Sua condição de Deus. Ninguém O obrigou a abdicar dessa condição. Impelido no entanto pelo amor, ao ver a situação em que o pecado lançou o homem, Ele Se despojou de Sua divindade para assumir a natureza humana, e desceu de degrau em degrau a escada da humilhação, tornando-Se servo e sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Que exemplo para os dirigentes cristãos! Quão mesquinhos somos, à luz destas declarações da Palavra, quando pensamos que pelo fato de estar ocupando uma presidência de campo ou a direção duma instituição, não podemos fazer nada que seja mais singelo ou de hierarquia aparentemente inferior! Se Jesus, que era Deus, Se fez réu de morte por mim, posso deixar de ser presidente de Associação para ser simples porteiro na casa do Senhor, sem nenhum detrimen-

to para Minha dignidade. E se consagro todo o meu ser para realizar a tarefa de porteiro, de todo o coração, sem dúvida estarei fazendo a obra do Senhor.

Jesus, como dirigente religioso, possuía um coração que batia em uníssono com o de Seus semelhantes. Manifestava simpatia e compaixão para os pobres sêres humanos. É o que afirma o evangelista, em S. Mateus 9:36. Nós, como dirigentes cristãos, devemos possuir um coração semelhante ao de Jesus. Mesmo quando tenhamos que repreender, devemos fazê-lo sempre com simpatia e compaixão. Assim como Jesus não quebrou a cana trilhada nem apagou o pavio que fumegava, devemos manifestar a máxima simpatia e compaixão para salvar nossos companheiros na obra e nossos irmãos na fé, e colaborar com o Mestre para ajudá-los a obter êxito na vida cristã.

Ao estudar as páginas luminosas dos evangelhos, descobrimos outras qualidades de Jesus, que também devem manifestar-se em todo dirigente cristão. Jesus era amável e cortês. Ensinou a dar a túnica àquele que pedia a capa. Ensinou a andar a segunda milha. Ensinou a oferecer a outra face a quem nos quisesse esbofetear. Êstes Seus ensinamentos não eram teoria. Êle tratou com esmerada cortesia ao que O maltratou na presença do sumo sacerdote. Sem amabilidade e cortesia não se pode ser dirigente cristão. Os obreiros e os membros devem encontrar em seu presidente, gerente, diretor ou pastor, um homem acessível, bondoso e cortês, que aplaine as dificuldades, compreenda os problemas e procure sinceramente encontrar a melhor solução possível. Imitemos a Jesus nisto.

Jesus era diligente. A obra cristã, evidentemente, não é para mandriões. Não há lugar para êles na causa de Deus. Jesus o demonstrou com Sua vida de intenso trabalho. Não batia cartão no relógio de ponto. Trabalhava intensamente o dia todo, pregando, curando e ensinando, e depois dedicava muito tempo ainda a orar. Indubitavelmente, nesses períodos de oração recebia a fôrça e a sabedoria que depois transbordava em incansável diligência du-

rante as tarefas do dia. Sigamos nisto também as pisadas de Jesus.

O Mestre era um dirigente extraordinário: era hábil e possuía bom senso. Estas duas qualidades constituem um *sine qua non* do dirigente cristão. O Mestre pôs em evidência Sua habilidade ao confundir muitas vêzes os maliciosos dirigentes judeus que queriam enredá-Lo com perguntas capciosas. Seu bom senso pode ser visto também nos conselhos, na orientação e no ensino que transmitiu a Seus discípulos, e na forma extraordinária com que dirigiu a obra para que a aparente derrota se transformasse no triunfo dos séculos.

Uma última qualidade de Jesus: a coragem. Não é possível ser dirigente cristão e covarde ao mesmo tempo. O Mestre ia aonde precisava ir, sem temor de ameaças, e dizia o que tinha de dizer sem o menor receio dos adversários da verdade. Não podemos ser pusilânimes e dirigentes cristãos. Por certo, não é necessário despertar sem motivo o rancor dos inimigos da verdade, mas é mister levar o evangelho a tôda a Terra e dizer a verdade com clareza meridiana. Observando nossa coragem, nossos obreiros e irmãos também se sentirão inspirados a enfrentar os perigos, e assim estaremos colaborando com Jesus para constituir uma falange de cristãos capazes de enfrentar a maior perseguição de todos os séculos, a saber, a que desponha no horizonte da História.

Que Jesus seja o nosso exemplo como dirigentes cristãos! Sejamos homens de oração como Êle o foi, e dependamos como Êle de nosso Pai celestial. Amemos a nossos colaboradores no ministério com um amor igual ao Seu, que nos incentive a "suportá-los com misericórdia." Elaboremos planos sábios, como Êle o fez, e executemo-los de modo tão cabal como Êle os executou. Sejamos organizados e metódicos como Jesus. Não haja pecado em nossa vida, e que o amor, a abnegação, a humildade e o espírito de serviço constituam parte inseparável de nosso caráter. Haja em nós simpatia e compaixão, amabilidade e cortesia, diligência, habilidade, bom senso e coragem cristã.

Façamos de Jesus nosso exemplo como dirigentes na obra!

CONFIAI NÊLE!

Um navio navegava a tôda a velocidade no rio S. Lourenço. Havia densa neblina, e alguns dos passageiros estavam assustados. Falaram com o piloto, queixando-se de que o comandante era descuidado. O marinheiro sorriu e disse: "Não vos assusteis. A neblina é baixa, e o comandante está bem acima dela, conseguindo ver para onde nos dirigimos." Há ocasiões na vida em que não divisamos o caminho à frente, mas se Deus nos está guiando, não tenhamos medo. Êle encontra-Se na ponte de comando, acima dos nevoeiros da Terra, e pode ver para onde nos dirigimos. Confiai nÊle!

— ROBERTO V. OZMENT, *Putting Life Together Again*.

Uma Carta Pessoal do Presidente da Associação Geral

Solicita-se uma resposta escrita.
Qual será a VOSSA resposta?

GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS

6840 EASTERN AVENUE, N.W.

TAKOMA PARK, WASHINGTON, D.C. 20012

TELEPHONE 723-6800

CABLE ADDRESS
"ADVENTIST" WASHINGTON
TELEGRAPHIC ADDRESS
"GENERAL CONFERENCE"
WASHINGTON, D.C.

PREZADOS COOBREIROS AO REDOR DO MUNDO:

Quisera poder assentar-me e ter uma sincera palestra com cada um de vós esta manhã. Há encargos no meu coração que desejo partilhar convosco. Como isto não é possível, uma carta é o outro melhor meio de comunicação, e minha mensagem não poderia ser mais pessoal e mais importante do que se eu escrevesse a cada um de vós individualmente.

Deus nos chamou para dirigir Sua igreja numa das horas mais decisivas de sua história. Somente Ele sabe o que poderá acontecer durante os quatro próximos anos. Mas Ele confia grandemente em nós como Seus dirigentes para revelar a espécie de liderança que corresponda à solene hora em que labutamos. Ele espera mais de vós e de mim do que de quaisquer líderes que existiram antes de nós, pois vivemos mais perto do fim do tempo da graça e da volta de Cristo do que qualquer de nossos predecessores.

Nosso povo ao redor do mundo todo espera muitíssimo de nós! Estremeço quando leio as cartas que chegam a minha escrivãzinha, e quando me lembro das inúmeras expressões pessoais de nossos membros depois das reuniões em Detroit. Milhares estão orando que seja causado tal impacto espiritual sobre nossa igreja que resulte em grande avivamento, que por sua vez produza o derramamento da chuva serôdia em nosso tempo! Por que deixariam suas expectativas de realizar-se? Por que não poderia o Senhor usar a vós e a mim — todos nós — para conduzir Seu povo a esta experiência durante os dias de nosso ministério? Indubitavelmente, está é a vontade de Deus! O palco está armado tanto dentro como fora da igreja. A hora está avançada. Todos estamos cansados deste mundo de pecado e sofrimento. Acaso não convém que nosso primeiro desejo e resolução seja viver, orar e trabalhar com vistas à gloriosa consumação em nosso tempo?

Meu interesse, que creio ser também partilhado por vós, é que desde os primeiros dias deste novo quadriênio demos vigorosa ênfase espiritual a nossa obra. Devemos salientar este aspecto de nossa liderança acima de qualquer outra coisa. Alvos alcançados, grande progresso, abundância de recursos — seguir-se-ão com tanta certeza como o dia segue à noite se atingirmos o maior objetivo de todos! O viver pentecostal produzirá poder e resultados semelhantes aos do Pentecostes.

Meu apêlo — e insto convosco para que o considereis cuidadosamente e com oração — é que no exemplo de nossa vida, em nossa pregação, em nossas cartas, em nossos artigos para diversos periódicos da igreja, demos ênfase especial a assuntos oportunos, como arrependimento, fé e oração, avivamento da piedade primitiva e prática, a obra do Espírito Santo, a chuva serôdia, os eventos dos últimos dias, urgência no serviço e outros tópicos que possam ser usados por Deus para incentivar nosso povo como jamais no passado. Caso estes assuntos relativos à verdade presente sejam fortemente impregnados do amor de Deus, da cruz, e repletos de esperança e coragem em face das aparentemente insuperáveis disparidades das condições dos últimos dias, o Espírito Santo comoverá esta igreja como nunca dantes em sua história. Isto, irmãos, é o que milhares de nossos crentes ao redor do mundo estão suplicando, e o que Deus espera de Seus dirigentes na hora undécima! Tornando-o mais pessoal, é isto que eles esperam de vós e de mim! Nãoousemos desapontá-los!

Conduzamos nosso povo a notável comunhão de oração — em nossos próprios aposentos particulares, no escritório da Associação Geral, nos escritórios das Divisões, nos escritórios de nossas Uniãoes, Associações e Missões, em nossas instituições educativas, de publicações e médicas, em nossas igrejas e em nossos próprios lares. Se 2 milhões de obreiros e crentes na esperança do Advento orarem diariamente por reavivamento e conclusão da obra, algo terá de ocorrer! Algo irá ocorrer! Ouvireis mais acerca desta comunhão de oração no futuro próximo.

Recentemente um dos presidentes de União na América do Norte escreveu-me o seguinte: "Creio que a melhor maneira de determos os movimentos dissidentes entre os adventistas do sétimo dia é tomar a iniciativa de convocar nosso povo para mais íntima comunhão com Deus, para mais vigoroso apêgo aos princípios expostos pelo Espírito de Profecia, e para maior consagração da totalidade de obreiros aos elevados e santos princípios que adotamos e ensinamos."

Tenho certeza de que vós e eu concordamos plenamente com os sentimentos expressos por esse dedicado líder. Se por preceito e exemplo pudermos concitar nosso povo a uma vida mais elevada e santa, creio que desaparecerão as ramificações separadas que afligem a Israel. Nosso povo aguarda e anela uma experiência que o conduza à demonstração do poder da chuva serôdia. Permita Deus que vós e eu "tomemos a iniciativa" das mãos de qualquer dos "reformadores" por nosso próprio viver piedoso e por artigos e sermões repletos do Espírito.

Deve haver então poderoso avanço da obra de Deus em cada departamento e instituição "Os dirigentes da causa de Deus, como sábios generais, devem delinear planos para fazer movimentos de avanço ao longo de toda a linha." — Obreiros Evangélicos, pág. 351. "Nossos planos são, em geral, muito restritos. . . . Devemos abandonar a visão acanhada e fazer planos mais amplos." — Evangelismo, pág. 46. Estas palavras não são mínimas. São palavras de nosso Deus através de Sua mensageira! Como líderes nesta hora final, precisamos dar-lhes cuidadosa atenção. Devemos fazer algo neste sentido em nossos Campos, em nossos departamentos e em nossas instituições! É tempo não somente para viver como no tempo do Pentecostes, mas também para empreendimentos como os de então!

Deixai a notícia propagar-se ao redor do mundo — em cada nação, tribo, língua e povo — que os adventistas do sétimo dia não perderam seu fervor evangelístico e o senso do dever; que cremos estar próximo o fim e que iremos realizar algo mais grandioso do que jamais no passado, com referência a isso. Convoquemos nossos obreiros, nossos oficiais de igreja e nossos membros de igreja a seus postos de atividade. Com a ajuda de Deus inflamemos nosso povo com um bem elaborado plano, secundado de muita oração, para ganhar almas.

Cada departamento da igreja deve ser mobilizado para maior avanço na conquista de almas. Lancemos o toque de clarim para evangelismo coordenado, estando cada departamento devidamente entrosado com os outros e com nossos pastores e evangelistas. Inspiremos nossos membros, nossos oficiais de igreja, nossos jovens, nossos membros da Escola Sabatina, nossos colportores-evangelistas, nossos professores, nossos médicos, nossos departamentais, nossos administradores, com a grande obsessão de ganhar almas.

Estamos convidando a Teodoro Carcich, um de nossos vice-presidentes mundiais, a dirigir esta notável arremetida evangelística no mundo todo. Ele possui índole evangelística e em seu coração existe profundo interesse por semelhante programa de conquista de almas. O Pastor Carcich coordenará, promoverá e incentivará todos os aspectos de nossa cruzada de evangelismo avançado. Ele nos transmitirá as ordens de marcha.

Isto não deve ser uma corrida desordenada para o tanque batismal. Não deve ser um programa para apressar as pessoas ao batismo! Que isto fique bem claro em toda parte. Esta deve ser uma cruzada para conduzir homens e mulheres ao reino através das portas de verdadeira conversão após cabal instrução.

Não seria acertado iniciar semelhante programa com reavivamentos em cada igreja ao redor do mundo — permutando talvez os pastores os púlpitos, com a participação também de dirigentes departamentais, administradores da Associação Geral, da União e dos Campos locais? Isto deve ser elaborado pormenorizadamente por meio de cuidadoso programa adotado pela Mesa Administrativa de cada Associação e Missão local.

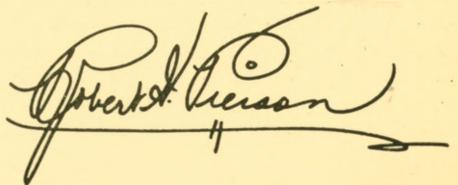
Nos dias atuais devemos empreender maiores coisas para Deus do que jamais no passado. A hora está avançada. Somos um povo com um encontro marcado, e esta hora se aproxima rapidamente. Como dirigentes da igreja de Deus, não ousemos atrasar-nos. A data de 1.º de janeiro de 1967 deve testemunhar o início do maior programa de evangelismo público e pessoal que esta igreja já empreendeu. Deve ser um repto mundial.

Apelo que cada um de vós, como líderes de Deus nesta hora final, considereis diligentemente estas coisas, e então, com a ajuda divina e o poder do Espírito Santo, lanceis o toque de clarim através das fileiras da igreja de Deus, tornando-o audível ao redor do mundo todo. Tornei-o um chamado ao dever, a reavivamento na vida, a esfôrço de chuva serôdia! Conci-to-vos pessoalmente a liderança reavivada, a liderança de chuva serôdia!

Não devemos desapontar a Deus nem às milhares de pessoas de nosso querido povo que esperam tanto de nós. Oremos juntos, uns pelos outros. Avancemos de joelhos para a conclusão da obra — em nossa própria vida, em nossa igreja e no mundo, em nossa geração!

Se esse programa de reavivamento e conquista de almas tocar uma corda sensível em vosso coração, o Pastor Carcich, ou eu, apreciariamos ouvir isto de vós. Contai-nos que com o poder de Deus não somente soltareis o toque de clarim mas por Sua graça o conservareis vibrando e vibrando cada vez mais nos meses futuros até que a obra seja concluída. Que Deus vos abençoe e guie!

Com sincero amor e amizade cristã,



Mulheres em Tempos de Crise

(Conclusão)

D. A. DELAFIELD

Secretário Associado do Patrimônio de E. G. White



A PRIMEIRA dama dos Estados Unidos está procurando embelezar a América do Norte. Ela gostaria de eliminar as favelas de nossas grandes cidades e providenciar a construção de majestosos edifícios públicos e comerciais. Ver mais flores, arbustos verdejantes e belas árvores é o

sincero desejo das mulheres boas e nobres.

Ora, é natural que as senhoras procurem embelezar seus lares, suas cidades, suas escolas, suas igrejas. Penso que as senhoras adventistas também devem interessar-se nisso, e fazer algo para cooperar. Mas o papel principal das mulheres adventistas é ser belas no caráter, revelando ao mundo coragem, fé, amor, paciência e pureza. A esposa do presidente dos Estados Unidos não logrará total êxito em seus objetivos de embelezar a América do Norte, por mais louváveis que sejam esses objetivos; mas as senhoras adventistas serão bem sucedidas em seus propósitos fundamentais. Com efeito, Deus usa uma mulher cristã como símbolo de Sua igreja purificada e aperfeiçoada nos últimos dias. Eis o texto: "Para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito." Efés. 5:27. Esta é a esposa de Cristo.

Em Apocalipse 12:1 a igreja é representada como uma mulher pura, vestida do Sol, com a Lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. Esta é a igreja abrilhantada pela graça transformadora de Deus.

O presidente Lyndon Johnson esforça-se sinceramente para criar nos Estados Unidos a "Grande Sociedade." Temos lido a êsse respeito em jornais e revistas. No *The U. S. News and World Report*, de 8-3-1965, aparece o relato de uma entrevista com o eminente sábio Dr. Roberto E. Fitch, decano e professor de ética cristã na Escola de Religião do Pacífico, na Califórnia. A entrevista intitula-se: "Está a América Preparada Para Uma 'Grande Sociedade?'" O Dr. Fitch acha que não. "É necessário haver três coisas para se alcançar grandeza," afirma êle. "A primeira é a atmosfera de liberdade. A segunda é a atmosfera de aventura. A terceira é a confiança que provém da fé." E acrescentou: "Por 'fé' indico uma gran-

diosa visão das realidades da vida e da importância do que se está fazendo."

Esse perspicaz cristão admite que nos Estados Unidos existem os dois primeiros requisitos para a grandeza — uma atmosfera de aventura e uma atmosfera de liberdade. Mas êle duvida que tenhamos a confiança que provém da fé.

Ao ler essa entrevista, lembrei-me das palavras de Jesus: "Quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?" S. Luc. 18:8. Têm os americanos realmente uma clara concepção do que constituem "as realidades da vida?" Têm êles compreensão da importância do que estão fazendo? Compreendem realmente o que acontece no mundo? Sabem por que se acham aqui, e qual é o seu destino?

A última pergunta na entrevista com o Dr. Fitch foi a seguinte: "Pode existir uma boa sociedade sem boas pessoas?" Respondeu êle: "Tenho certeza de que não, e é por isso que estou profundamente perturbado com esta notável crise espiritual do povo americano."

O Dr. Fitch reconhece que os americanos são um povo aventureiro; êle regozija-se por haver liberdade nos Estados Unidos; mas estranha a ausência de moralidade — verdadeira moralidade — em boas pessoas cristãs. Êle não a distingue; pelo menos, não a vê em quantidade suficiente que habilite esta nação para a grandeza, ou para uma "Grande Sociedade."

Que há de errado na América? Êle menciona diversas coisas: "Primeiro, o declínio da autoridade neste país — o aniquilamento da autoridade e sua abdicação por parte dos que deviam exercê-la." E o que entende êle por autoridade? "Principalmente autoridade moral." Declara que os administradores, professores, pastores, dirigentes políticos e todas as autoridades precisam possuir força moral a fim de exercerem autoridade moral. Têm de ser pessoas boas. Todas as outras autoridades são inúteis sem esta última.

Como ocorreu êste desgaste de autoridade? Entre outras coisas o Dr. Fitch salienta certas "teorias supostamente democráticas e igualitárias" ou "ensinos relativistas" que dizem não haver no mundo padrão objetivo de justiça ou injustiça, verdade ou falsidade. Tudo na vida é relativo no ambiente em que vivemos e lutamos.

Os alunos dos cursos superiores na América encontram-se ao sabor das ondas num mar de incerteza, mas não merecem censura por serem tão indecisos quanto à autoridade e as normas morais. Escreveu o Dr. Arnoldo J. Toynbee:

"Creio não termos conhecimento exato do que é certo ou errado, e, mesmo que o tivéssemos, julgo que acharíamos mais difícil do que nunca realizar algo que tivéssemos plena certeza de ser correto, a despeito de nossos interesses e inclinações pessoais. Com efeito, precisamos ter a melhor opinião possível a respeito do que é certo e convencer-nos então disso procurando agir de acordo com essa opinião, sem ter certeza de que está certa." — *This I Believe*.

Na revista *The Christian Century*, de 14 de maio de 1958, apareceu um discurso de formatura proferido por Milton Mayer, que teve de admitir que somente a graça de Deus poderia preservar os graduandos da corrupção de uma sociedade imoral. Eis alguns trechos de sua alocução:

"Como sois agora, eu fui outrora; como eu sou agora, vós sereis um dia. Sentir-vos-eis tentados a rir se eu vos disser que sou de meia-idade e corrupto. Deveis resistir a essa tentação. Daqui há vinte e cinco anos sereis inevitavelmente de meia-idade e, a menos que presteis atenção ao que afirmo hoje, sereis também inevitavelmente corruptos. . . .

"Certa vez ouvi Roberto Hutchins dizer a um grupo de formandos que eles se achavam mais perto da verdade aquele dia do que jamais no futuro. Eu não acreditei isso, mas tenho visto a maioria dos membros daquela classe depois dessa ocasião, e lamento informar-vos que Hutchins tinha razão. Lembrai-vos de que ele não afirmou que eles se achavam perto da verdade; declarou apenas que nunca mais se achariam tão perto dela. . . .

"Caso minha própria história e a história da raça sejam instrutivas, esta colação de grau é para quase todos vós o início da desintegração."

O Dr. Fitch afirma que esse desgaste tem prosseguido durante longo tempo. E disse que a única autoridade que resta é o "eu," isto é, o indivíduo isolado. "E durante algum tempo isto parece excelente. Faço o que quero e o que achar melhor. Mas naturalmente irei colidir com outra pessoa que não pensa e sente o mesmo que eu, e haverá por certo algum conflito, e então entramos em dificuldade."

A seguir o Dr. Fitch cita a Glenn Tinder, professor da Universidade de Massachusets. O Dr. Tinder apresenta outro aspecto do problema denominado "a ilusão do indivíduo isolado, de que ele pode subsistir por si mesmo num pequeno vácuo."

Tudo isso equivale a uma negação do ensino do Novo Testamento de que "nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si." Rom. 14:7. Cada pessoa tem a sua influência. Não podemos encerrar-nos num pequeno compartimento e esperar viver. Se todos fizessem assim, não haveria sociedade alguma, muito menos uma "Grande Sociedade." O centro estabelecido pelo Céu é Deus, porém depois da queda do homem o "eu" egoísta dos homens se tornou o centro. Escreveu Ellen G. White, uma mulher que conhecia a causa das crises:

"Sob a direção de Deus, devia Adão ocupar o lugar de cabeça da família terrestre para manter os princípios da família celestial. Isto haveria trazido paz e felicidade. Mas Satanás estava decidido a opor-se à lei de que ninguém 'vive para si' (Rom. 14:7). Desejava viver para

o próprio eu. Buscava tomar-se o centro de influência. Fôra isto que suscitara a rebelião no Céu, e foi a aceitação, por parte do homem, do mesmo princípio, o que trouxe o pecado à Terra. Quando Adão pecou, o homem ficou separado do centro prescrito pelo Céu. Um demônio tornou-se o poder central no mundo." — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 31.

O Dr. Fitch tem sido procurado pelos colégios, onde êle tem falado sobre o assunto da moralidade sexual. Diz êle acerca dos estudantes:

"A única coisa em que eles crêem quase que universalmente é o que chamam de intimidade. Esta é aquela parte do sexo que é particular, estritamente particular. A idéia de que a conduta sexual tenha de ter conseqüências públicas no tocante a bebês e filhos, propriedades e impostos sobre a renda, compra de artigos de mercearia e responsabilidades civis, parece não entrar em suas cabeças. É apenas essa pequena intimidade particular."

Alguns dos jovens querem tão-somente um pequeno vácuo deles próprios, para fazer o que querem, sem responsabilidade e sem respeito à autoridade.

Este isolamento atinge até a religião. O Dr. Fitch declara ter visto muitos grupos dizerem: "Não gostamos de igrejas; não gostamos de prestar culto. Afinal de contas, a religião é um assunto deveras particular e pessoal. Não é da alçada de ninguém mais. Dá-se apenas entre nós e Deus."

Ora, é certo que a religião é pessoal, mas se ela fôr somente isso, será alguma coisa nova na História. "Nunca houve alguma religião exclusivamente pessoal, em tôda a história do mundo, exceto para alguns místicos isolados."

A "isolação," segundo esta autoridade, "está-se tornando comum mesmo no salão de baile. Não se dança mais com um par. Cada um escapa por si para fazer o *twist* ou o *watusi*. Não importa se alguma outra pessoa está por perto ou não."

"Portanto, a intimidade no sexo, na propriedade, na religião, na dança, constitui uma parte do patos do homem moderno, acalentando seu próprio e pequeno 'ego' isolado."

De onde se originou esta grotesca maneira de pensar na sociedade americana? Houve uma mulher adventista do sétimo dia que escreveu a respeito destes tempos de crise, e muitos anos atrás ela mencionou o que iria acontecer.

Na revista *Signs of the Times* de 21 de abril de 1890 a Sr^a Ellen G. White predisse com surpreendente exatidão a tendência na moral pública e as causas do declínio de antigas virtudes. "A sociedade está agora num estado de desmoralização," escreveu ela sobre as condições de seu próprio tempo. Predisse então o seguinte: "Isto prosseguirá até que as nações se tornem tão licenciosas e corruptas quanto os habitantes do mundo antediluviano."

Essa expressão deve ter soado como a voz pessimista de um prognosticador de desgraça, para a índole folgazã e descuidada da década de 1890.

Que dizem os fatos? Cumpriu-se na socie-

dade americana esta predição acêrca da deterioração da moralidade pública, feita há setenta e cinco anos no passado? Do contrário, como podemos explicar a crassa homossexualidade que se tem tornado um problema demasiado grave para ser enfrentado apenas por hábeis psiquiatras e pregadores de religião? Que explicação se pode dar para o fato de que cada ano os colégios superiores têm de enviar para casa a centenas e até milhares de môças adolescentes, que se acham grávidas apesar de ser solteiras?

Aquela declaração da Sr^a White apareceu num artigo que versava sôbre os riscos com que se defrontariam os jovens nos últimos dias, antes da volta de Cristo. Sua predição encontra-se num comentário a respeito da profecia de Cristo: "Quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?" Disse ela:

"Ele viu como o verdadeiro cristianismo quase se extinguiu no mundo, de maneira que em Seu segundo advento Ele encontraria a sociedade em condição análoga à que existia antes do dilúvio. O mundo estaria empenhado em festas, diversões, representações teatrais e indulgência com paixões inferiores. Haveria intemperança de tôda a espécie, e até as igrejas estariam desmoralizadas, e a Bíblia seria negligenciada e profanada. Ele viu que as desatinadas orgias dos últimos tempos só seriam interrompidas pelos juizos de Deus."

Ela também indicou as causas fundamentais de nossa falta de "grandeza." No periódico *Signs of the Times*, de 21-4-1890, Ellen G. White analisou os principais motivos da desmoralização de nossa sociedade. Eis o que ela escreveu:

"A degradação existente no mundo boje em dia deve-se em grande parte ao fato de que a Bíblia não exerce mais uma influência controladora sôbre a mente dos homens. Duvidar tornou-se comum."

Mas por que deixou a Bíblia de exercer "uma influência controladora sôbre a mente dos homens?" A Sr^a White apresenta a seguinte explicação, ao comentar sôbre a pregação antinomiana de certos ministros de seu tempo:

"A lei de Deus tem sido invalidada pelos que ocupam posições sagradas, e que se pode esperar daqueles que deitam atenção a seus sofismas e êrros? Que se pode esperar dos jovens que foram influenciados por aquêles que rejeitaram a lei do Senhor dos exércitos e desprezaram a palavra do Santo de Israel? Não admira que a Bíblia seja menosprezada." — *Ibidem*.

Dezesseis anos mais tarde, ela escreveu que "a transgressão quase atingiu o ponto culminante. O mundo está cheio de confusão, e grande terror logo se apossará dos seres humanos. O fim está muito próximo. O povo de Deus deve preparar-se para aquilo que em breve irromperá sôbre o mundo como esmagadora surpresa." O terror da bomba atômica já foi desencadeado em Hiroshima e Nagasaki, e isto

há duas décadas. Que "esmagadora surpresa" ainda está reservada para o mundo?

O Dr. Fitch declarou que era necessário fé para sermos um povo que possuísse confiança e os atributos de verdadeira grandeza, mas Paulo disse que "a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus" Rom. 10:17. Portanto, se os homens rejeitam a Palavra e a lei de Deus, não existe autoridade, fé ou confiança.

Podeis ver assim que o mundo se encontra agora numa crise. Mas a maior crise dar-se-á no futuro. A que nos levará o Vietnã? Pensávamos que a guerra da Coréia nos conduzisse à Terceira Guerra Mundial. Serão os ventos das lutas detidos na crise do Vietnã? Ninguém sabe. Mas a surpresa de nossa vida ocorrerá qualquer dia dêsses, e realizar-se-ão os eventos que esperávamos há tanto tempo. Naquele tempo as mulheres cristãs, as mulheres de Deus, não faltarão ao dever.

Nesta época excitante, precisa-se de mulheres que dediquem tempo para se tornarem santas mulheres, que procurem embelezar-se recebendo a justiça de Cristo pela fé. Maria sentava-se aos pés de Jesus e aprendia d'Ele. Marta, sua irmã, estava ocupada em muitos serviços. "Senhor — disse ela — não Te importas de que minha irmã tivesse deixado que eu fique a servir sôzinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me." Repliou o Mestre: "Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada." S. Luc. 10: 41 e 42.

É impossível que as mulheres ou os homens se aproximem de tempos de crise sem qualquer preparo e ainda sejam corajosos. Quereis, pois, orar em favor dos dirigentes da igreja na Associação Geral, nas Associações, Missões e instituições ao redor do mundo? Quereis orar para que se opere um avivamento? Tornemo-nos mais espirituais e consagrados. Aceitemos a Cristo como Senhor e Salvador, e desfrutemos a confiança que provém da fé e do estudo da Palavra de Deus.

Jesus então nos dará coragem na crise que se acha à frente. Mas mesmo agora o Senhor deseja que as mulheres da igreja, as espôsas dos líderes denominacionais, tôdas as pessoas que estão presentes aqui hoje, extraiam coragem e grandeza da admirável Fonte da Vida. Deus espera que todos nós encontremos n'Ele a graça necessária para enfrentar as crises da vida.

Concede-me serenidade para aceitar as coisas que não posso alterar, coragem para modificar as coisas que podem ser modificadas e sabedoria para fazer distinção entre elas.

— Citado em *Prayers for Patients*.



Idéias Para Tornar Belo e Significativo o Serviço de Comunhão

MARTIN C. SHAIN

Pastor na Associação de Kansas, Estados Unidos

DEDICAIS profundo interesse aos membros de vossa congregação que precisam ser elevados no pensamento, purificados no coração e transformados no caráter? O serviço de comunhão que seja belo e significativo pode realizar um milagre na vida de muitos deles.

Degeneraram vossos serviços de comunhão em ritualismo superficial? Tem a beleza e santidade dessa hora se tornado comum pela usual monotonia? Disse Ellen G. White: "As ordenanças que indicam a humilhação e sofrimento de nosso Senhor, são demasiado consideradas como uma forma." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 493. Não deve ser assim. "A todos quantos recebem o espírito deste serviço, êle nunca se poderá tornar uma simples cerimônia." — *Idem*, pág. 487.

Como podemos tornar êsses serviços mais belos e significativos? Como podemos evitar que se tornem simples formalidade? Responde o Espírito de Profecia: "Cristo instituiu êste serviço para que êle nos falasse aos sentidos acerca do amor de Deus, expresso em nosso favor.

... Nossos sentidos precisam ser vivificados para se apoderarem do mistério da piedade." — *Idem*, pág. 493. A maneira como o ministro restabelece o drama daquelas derradeiras vinte e quatro horas determina em grande parte se são ou não despertadas emoções sagradas. Aquelas vinte e quatro horas tão repletas de atividade, amor, beleza e significado são ricas em recursos para avivar os sentidos. O relato, os caracteres e os símbolos podem ser familiares, mas a riqueza que Jesus legou durante aquelas horas nunca poderá ser deslustrada por meio de enfadonha monotonia se o ministro tomar tempo para transmiti-los devidamente aos pobres em Laodicéia. Êstes tesouros podem animar-nos a alma e restaurar-nos os ágapes de nossos pais.

Esmêro em Sua Preparação

Para apresentar êste serviço com beleza e santidade precisais esmerar-vos em sua preparação. Gastai tempo em ler tôdas as descrições dessas horas preciosas, que se encontram na Bíblia e no Espírito de Profecia. Existem outros livros que proporcionam inestimável inspiração.

Em vossa devoção particular, deixai que vosso coração seja quebrantado como o de Pedro; que o serviço abnegado de Jesus se apodere de vós; que vosso ser seja impregnado de Sua amabilidade e encanto. Vosso semblante brilhará ao sairdes da presença do Senhor para falar a Seu povo. E vosso primoroso planejamento trar-lhes-á saúde e vigor; e avivará o espírito missionário tão indispensável no tempo presente.

O convite para a Santa Ceia deve ser transmitido uma semana antes dos serviços programados. Convém que seja mais do que um anúncio do púlpito ou pelo boletim da igreja. Êste convite poderá muito bem exigir o tempo todo do sermão. Fazei com que vossa congregação leia convosco o que se acha no Salmo 139: 23 e 24: "Sonda-me, ó Deus..." Uma investigação apressada no dia da Santa Ceia não é suficiente. Talvez sejam necessários diversos dias para endireitar as coisas entre os irmãos. Quem sabe terão de ser escritas algumas cartas. Sem tornar-vos alusivos, salientai algumas faltas específicas e comuns que precisam ser corrigidas para que nosso povo não coma e beba para sua própria condenação. Isto faz parte da responsabilidade do ministro. Os livros de F. D. Nichol oferecem abundante material para esquadrinhação da alma.

Terminai o sermão com definido e solene apêlo como êste: Nosso interesse eterno exige que olhemos para a cruz. O serviço de comu-

nhão é o dedo indicador de Jesus. Se negligenciardes este serviço poreis em perigo vossa própria alma. "Todo discípulo é chamado a participar publicamente." — *Idem*, pág. 492. Declara Jesus aos que se excluem voluntariamente deste serviço: "Se Eu te não lavar, não tens parte comigo." Eles estão rejeitando a purificação mais elevada e ao próprio Senhor. Disse Jesus: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes."

Planejar com Oração

Alguns dias antes do serviço programado, convém convocar uma sessão especial de oração e planejamento para todas as pessoas que se estão preparando para participar da reunião, inclusive os músicos. Partilhai com eles o encargo de realizar uma verdadeira festa espiritual. Induzi-os a dar um exemplo de introspecção, e em abandonar práticas duvidosas. Sugerir que usem roupas sem ornamentação e que não chamem a atenção, durante a solenidade. Impressionai-os com o pensamento de que os que levam os vasos do Senhor precisam ser puros. Orai fervorosamente juntos pelo refrigério da presença divina. Planejai com eles todos os pormenores, e entregai a todos uma cópia datilografada das partes do programa.

Quando o rito da humildade precisa ser realizado numa pequena área, o seguinte arranjo funciona perfeitamente: Colocai duas fileiras de cadeiras uma defronte da outra, com uns dois metros de separação. Os que estiverem lavando os pés dos que se acham sentados ficarão de costas uns para os outros. Ponde um recipiente de água fresca e outro para a água usada, em cada uma das extremidades. Então o movimento duma fileira pode dar-se em sentido contrário ao da outra. Duas fileiras de doze cadeiras cada uma darão conta de quarenta e oito pessoas.

Participação da Assistência

Jesus não deixou o exemplo de pregar um sermão, no sentido usual, durante o primeiro serviço de comunhão. O programa constou da participação dos presentes. Foi uma reunião social em que os discípulos se expressaram individual e coletivamente. Jesus tornou-a uma verdadeira comunhão de irmãos com irmãos.

Por meio de cuidadoso preparo pode-se praticar um pouco disso na atualidade, mesmo com grandes auditórios. Preciosos períodos de testemunhos pessoais podem ser realizados dividindo grandes auditórios em seções, com um dirigente para cada uma delas, segundo o modelo dos cultos de madrugada nas reuniões campais. Para variar, pode-se realizar o culto de testemunhos logo após o término da ordenança da humildade. Este serviço social é um antigo costume adventista que podemos restaurar com

proveito. No entanto, não é necessário que seja praticado em todas as celebrações. Convém alterná-lo com outras formas de participação dos presentes.

Todo serviço de comunhão deve ter um período de calma reflexão, de comunhão da alma com o Senhor. Pode-se variar este período, usando um fervoroso apêlo ou oração pastoral, ou ainda a oração silenciosa. De vez em quando convém orientar a oração silenciosa, sugerindo pedidos específicos em intervalos apropriados, como por exemplo: "Oremos em primeiro lugar prometendo que reservaremos tempo para o culto familiar."

Tranquila reflexão com freqüência é causada por alguma música especial, se o cantor manifestar definido apêlo espiritual. Essa não é uma hora para ostentação de talentos. Lede vós mesmos as palavras de um cântico comovente, com suave acompanhamento de órgão ou piano. Já ouvistes uma congregação cantar em voz baixa? É encantador! Fazei vossa congregação cantar o hino *Rude Cruz*, sem acompanhamento. Eles se perdem em meditações. Se não tiverdes aptidão para isso, será necessário a presença de um dirigente de canto, existe porém mais suavidade se o próprio ministro o faz.

Permanecer aos Pés da Cruz

Convidai vossa congregação a se colocar por assim dizer aos pés da cruz durante dois ou três minutos enquanto vós lhes trazeis à memória as cenas do Calvário. A correta visão da cruz transforma maravilhosamente o caráter. Descrições vívidas podem ser encontradas nos livros *O Desejado de Todas as Nações* e *Em Memória de Mim* (In Remembrance of Me). Devemos anunciar a morte do Senhor até que Ele venha. As maneiras de produzir essa imprescindível comunhão da alma são limitadas apenas pela quantidade de reflexão diligente empregada por vós. Mas não useis demasiadas variações num único sábado, pois poderão distrair a atenção.

Há muitos tópicos para servir de auxílio no planejamento do serviço de comunhão. Taylor C. Bunch menciona trinta e dois no livro *Memorials of Calvary*. Uma sugestão pode ser encontrada em I Coríntios 11:25: "Este cálice é o Novo Testamento no Meu sangue." Diz outra tradução: "Este cálice é a nova aliança no Meu sangue." As palavras "aliança," "côncerto" ou "testamento" têm o significado de um pacto ou juramento de fidelidade. A aliança matrimonial representa a relação existente entre Cristo e Seu povo. Cada Santa Ceia deve confirmar novamente os nossos votos.

Este assunto pode ser desdobrado admiravelmente captando um pouco da atmosfera de uma singela cerimônia de casamento, mas de-

(Continua na pág. 24)

O Pastor, a Igreja e as Ocasões Especiais - I

DANIEL E. IUORNO

Pastor da Igreja Central de Montevidéu, Uruguai

AS oportunidades que têm a igreja e o pastor para prestigiar o evangelho e revelar sua sagrada missão perante o mundo, são simplesmente extraordinárias. Não nos referimos neste momento às múltiplas oportunidades que se apresentam na celebração dos cultos e ritos regulares da igreja, que todos conhecemos e praticamos, e que também devem ser aproveitadas ao máximo para enaltecer a obra do evangelho, mas desejamos chamar a atenção dos companheiros no ministério para as ocasiões especiais que podemos usar para dignificar a obra do Mestre e incentivar aprêço para com a causa e a mensagem da igreja.

Nestas ocasiões especiais, bem como nas regulares, a igreja deve operar junto com seu pastor a fim de realizar uma obra construtiva em favor dos membros e também do mundo. As reuniões especiais são diversas, mas neste artigo só desejamos considerar a celebração das Bodas, tanto de Prata como de Ouro. Sem exceção, as pessoas celebram estas bodas com uma festa social de maior ou menor importância, mas alguns desejam que além da celebração social, a igreja realize um ato religioso dirigido pelo pastor. Este desejo é encontrado não somente entre os que são de nossa própria fé, mas muitas vezes também entre os que, embora não pertençam à igreja, contemplam com simpatia o povo de Deus e dele esperam algo especial.

Por via de regra, pergunta o pastor a si mesmo: "Que farei nessa ocasião?" É indubitável que não estabelecemos nenhum preceito ou ritual para uma cerimônia assim, e o propósito deste artigo é pôr à disposição dos companheiros algumas idéias e sugestões que poderão ser oportunas e proveitosas para a celebração dessa cerimônia na igreja.

As Bodas de Prata, que são a celebração do 25.º aniversário de casamento, são mais frequentes que as Bodas de Ouro, que são a comemoração do 50.º aniversário de casamento. Portanto, neste artigo consideraremos as Bodas de Ouro, mas as idéias que apresentamos podem adaptar-se tanto para uma como para outra ocasião. Em qualquer caso, além da festa social, é perfeitamente admissível um ato religioso, que poderia ser de agradecimento a Deus e confiança em Sua direção.

Se é feito algo na igreja como o que sugerimos aqui, sua arrumação deve ser sóbria. O casal, que pode estar acompanhado de testemunhas, se colocará de pé defronte do ministro, o qual, após algumas breves considerações sobre os conceitos que a serva do Senhor menciona com referência ao lar cristão, poderia dizer mais ou menos o seguinte:

"Prezados irmãos, estamos congregados aqui diante de Deus e em presença destas testemunhas, para participar da renovação dos votos matrimoniais que este homem e esta mulher assumiram há cinqüenta anos.

"Esta longa vida matrimonial de fé, amor e devoção dum para com o outro, e que durou meio século, tem sido uma bênção não somente para os contraentes, mas também para nós outros que temos desfrutado a influência deles.

"Depois de haver convivido por cinqüenta anos, com êxito e felicidade, os dois estão em pé para dar testemunho de que a lei matrimonial é divina e instituída por Deus, sendo além disso honrosa para todos; estão aqui para testificar que, no lar, a vida de casados é tão sagrada e bela, que não deve ser assumida inconscientemente, mas de modo reverente, discreto, prudente e sóbrio, no temor de Deus.

"Dispõem-se agora a fazer novamente os votos que fizeram há cinqüenta anos. Hoje, como então, na presença de Deus e perante estas testemunhas, dão-se o coração e as mãos."

E dirigindo-se ao espôso pelo nome, continuará:

"....., faz cinqüenta anos que tomaste a esta mulher como tua legítima espôsa, para viver com ela no santo estado do matrimônio. Prometeste amá-la, consolá-la, honrá-la e protegê-la, na enfermidade e na saúde; e, renunciando a todas as outras mulheres, conservar-te somente para ela enquanto ambos viverdes. Por cinqüenta anos tens sido fiel a este voto. Queres agora, na presença de Deus e perante teus filhos, netos e amigos, renovar esses votos e continuar tua fidelidade para com ela, enquanto ambos viverdes?"

A resposta deve ser afirmativa, e ao chamar a espôsa pelo nome, o pastor prosseguirá dizendo:

(Continua na pág. 24)

O Dinamismo de um Ministério Bem Sucedido

(Conclusão)

WESLEY AMUNDSEN



HÁ uma citação que indica como podemos aumentar o número de batismos. A fórmula é simples, mas exige esforço. Consiste na maior energia e pujante ação acessível ao ministro na época atual.

“Se nos humilhássemos diante de Deus e fôssemos bondosos, corteses, ternos e compassivos, haveria cem conversões para a verdade onde agora existe apenas uma.” — *Testimonies*, Vol. 9, pág. 189.

Há quatro elementos que formam a estrutura desse raro mas essencial característico, o amor — bondade, cortesia, ternura e compaixão.

Uma das coisas que faltavam à igreja de Efeso, segundo o depoimento da Testemunha Verdadeira, é indicada na passagem abaixo:

“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.” Apoc. 2:4 e 5.

O Abandono do Princípio do Amor Causa Perigo à Igreja

Muito tem sido mencionado e escrito nestes dias por certas pessoas, no tocante às condições da igreja durante e depois da reunião de Mineápolis, em 1888. Sem entrar em debate quanto ao que é certo ou errado nalgumas dessas dissertações, desejo que considereis alguns trechos duma carta que a Sr^a White escreveu para O. A. Olsen em 1.º de setembro de 1892, quatro anos depois daquela notável reunião em que a igreja mudou de rumo e iniciou sua positiva proclamação do grandioso assunto bíblico de que “o justo viverá pela fé.”

Disse ela, falando sobre o ministro: “O fardo de sua mensagem deve ser: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!’” — *Carta* 19 de 1892.

Ela espalhou-se então em considerações referentes à perda de amor na igreja e o efeito que isto está causando.

“Subsiste o amor na igreja? Não está êle quase extinto? ... Irmãos não amam a irmãos. ... A Testemunha Verdadeira descreve como caídos a todos os que perderam o seu primeiro amor. Acaso não conhecia Êle o perigo que enfrentavam?” — *Ibidem*.

A perda desse “primeiro amor” abre as portas dos corações e das igrejas para grandes riscos espirituais.

“O abandono do primeiro amor tem aberto a porta para grande quantidade de egoísmo, ruins suspeitas, difamação, inveja, ciúme, crueldade. Tal é o fruto produzido quando arrefece a intensidade do primeiro amor. Tem havido pouco controle sobre a língua; pois a oração tem sido negligenciada. Acalenta-se uma justiça farisaica; existe amortecimento de espiritualidade; e o resultado é a falta de visão espiritual.” — *Ibidem*.

A Santificação do Ministro é Essencial Para o Êxito

Fala-se muito sobre pregação poderosa e eloquente que prenda a atenção dos ouvintes. Mas pouco se ouve falar sobre a santificação do pregador através da mensagem que transmite. Isto é importante, como indica o trecho que segue:

“Quando a verdade é apresentada por alguém que foi santificado por ela, possui uma frescura e vigor que lhe dão convincente poder sobre o ouvinte. A verdade é preciosa em seu poder sobre o coração, e clara ao aplicar-se ao intelecto. Tanto a palavra como o testemunho são imprescindíveis.” — *Ibidem*.

Como ministros, nenhum de nós está livre do perigo da lassidão espiritual de suficiência própria, conforme disse certo ministro ao ser-lhe perguntado como ia o trabalho: “Estou-me esforçando tanto quanto meu colega; por que esfalfar-me para fazer mais?” Convém que nós ministros, como subpastores do rebanho que nos foi confiado por Deus, olhemos para nosso próprio coração ao falar sobre o alarmante índice de apostasia da fé existente entre nós na América. Refleti sobre a seguinte declaração:

“Há muitos no ministério que não têm amor

a Deus ou a seus semelhantes. Estão adormecidos, e enquanto dormem, Satanás está semeando joio. O rebanho de Deus carece de auxílio do Céu, e as ovelhas e os cordeiros perecem por falta de alimento. . . . Cristo deve ser exaltado perante o povo; pois contemplando-O somos transformados à Sua imagem." — *Ibidem*.

Em minhas viagens entre as igrejas e nas assembléias e outras reuniões, tenho percebido a profunda lacuna existente em nossas igrejas no tocante aos elementos essenciais do verdadeiro cristianismo. Cantamos "Ide, ó Servos Seus," mas não estendemos as cordas de salvação. Dar-se-ia o caso de que as pressões dos alvos financeiros, da construção de igrejas, desta e outra campanha, por melhores que sejam estas coisas, nos tenham cegado os olhos e endurecido o coração aos sinceros clamores de nosso povo, "o rebanho de Deus" adquirido pelo precioso sangue do Cordeiro de Deus? Oxalá o Senhor Se compadeça de nós ao nos esforçarmos por realizar a obra do ministério evangélico.

Oramos em Favor de Nosso Rebanho?

Caros ministros, orais em favor de vosso rebanho? Oraís em favor de cada jovem e adulto de vossa congregação? Dedicai cuidadosa atenção a esta parte da oração de Jesus por Seus filhos comprados a preço de sangue:

"Pai justo, o mundo não Te conheceu; Eu, porém, Te conheci, e também êles compreenderam que Tu Me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o Teu nome, e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que Me amaste esteja nêles e Eu nêles esteja." S. João 17:25 e 26.

Realmente, o ministro deve ter a Jesus em seu coração. Êle não somente deve ensinar os moços e as môças a cantar "No meu coração, no meu coração, Jesus vem," mas precisa experimentar a realidade dêsse anelo. O coração do ministro tem de ser tão plenamente santificado que o enorme amor que Jesus sentiu pela humanidade lhe seja transmitido. Nada menos do que isso será aceitável a Deus.

"E o testemunho é êste, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquêle que tem o Filho tem a vida; aquêle que não tem o Filho de Deus não tem a vida." I S. João 5:11 e 12.

Humanamente falando, não podemos produzir amor em profusão. Êle é um atributo divino derramado amplamente em nosso coração através da mediação do Espírito Santo, conforme escreve Paulo: "Porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado." Rom. 5:5.

A Experiência do Pentecostes Pode Ocorrer Agora

A experiência do Pentecostes no início da era cristã não proveio de uma conferência bíblica em que os ministros procurassem debater problemas de doutrina. Foi um período de profundo exame do coração com o propósito de descobrir o importantíssimo fator necessário ao êxito de seu ministério, que deixaram de desenvolver enquanto Jesus ainda Se encontrava pessoalmente com êles. Escrevendo a respeito dêsse extraordinário acontecimento, disse Ellen G. White: "Depois da descida do Espírito Santo os discípulos ficaram com tanto amor por Êle, e por aquêles por quem Êle morreu, que corações se comoveram pelas palavras que falaram e pelas orações que fizeram. Falaram no poder do Espírito; e sob a influência dêsse poder, milhares se converteram." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 22.

Amais os que São Combativos?

Prezados ministros, examinai vosso coração antes de responder a esta pergunta: Amais as pessoas a quem pregais? Amais os membros de vossa igreja? Refiro-me a *todos* os membros da igreja — os combativos e rixosos; os críticos e os vagarosos de espírito — amais realmente a todos êles? Sacrificaríeis a vida a fim de salvá-los para o reino de Deus? Se podeis dar uma resposta afirmativa, não precisais ter receio quanto ao êxito de vosso ministério.

Amor é o Dinamismo de um Ministério Bem Sucedido

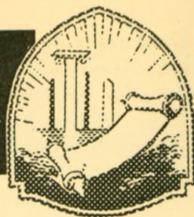
Em resumo, o êxito no ministério espiritual depende do dinamismo do amor, que comunicará energia ou fôrça para levar os corações dos homens a volver-se do pecado para a justiça, ao contemplar sôbre a cruz o Cordeiro de Deus que tira os seus pecados.

Recomendou o apóstolo Paulo: "Segui o amor, e procurai com zêlo os dons espirituais." I Cor. 14:1.

Sem êste amor todos os vossos esforços serão como "o cimbalo que retine" e não servirão para nada.

Lembraí-vos das palavras dêsse mesmo apóstolo, que nos foram transmitidas através dos séculos, como suave conselho para permanente êxito em servir ao Senhor e viver para Êle:

"E assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus." Efés. 3:17-19.



Os Adventistas do Sétimo dia e a *Parousia*

ROBERTO L. ODOM

Consultor de Pesquisas



-COMO os adventistas do sétimo dia obtiveram sua interpretação sobre o vocábulo grego *parousia*, da maneira como é usado no Novo Testamento?

Esta é a pergunta que fazem certas pessoas que pensam que a volta de Cristo a este mundo para buscar Seu

povo será secreta e invisível, e que só os justos terão conhecimento de sua ocorrência.

O substantivo grego *parousia* é empregado vinte e quatro vezes no Novo Testamento. Os dicionários gregos em geral definem esta palavra como "estar presente," "presença" ou "chegada." Os adventistas do sétimo dia não negam isto. O que rejeitamos é a noção de que a presença ou a vinda de Cristo quando Ele regressar à Terra tenha de ser espiritual, impessoal, secreta e invisível, e que precise ocorrer de tal maneira que só será notada pelos poucos justos que viverem na Terra nesse tempo. Nada há na palavra *parousia* para indicar ou sugerir isso.

De Éfeso, Paulo escreveu o seguinte para os crentes de Corinto: "Alegro-me com a vinda [*parousia*] de Estéfanos, e de Fortunato e de Acaico; porque estes suprimam o que da vossa parte faltava." I Cor. 16:17. Que razão se pode alegar para supor que a chegada [*parousia*] destes três homens a Éfeso foi tão secreta, invisível e impessoal que não foi vista por ninguém mais além de Paulo?

O mesmo apóstolo escreveu para os crentes de Filipos, mencionando que esperava visitá-los, "para que a vossa glória abunde por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida [*parousia*]

a vós." Filip. 1:26. Por que motivo o regresso de Paulo a essa localidade não podia ser literal, pessoal e visível, e por que apenas poucas pessoas entre eles poderiam notá-la quando ocorresse?

Escreveu ainda o apóstolo Paulo para o mesmo grupo de crentes: "Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença [*parousia*], porém muito mais agora na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor." Filip. 2:12. A chegada de Paulo a Filipos não foi secreta, invisível e impessoal quando ele labutou ali como evangelista. O relato de Atos 16:12-40 revela que toda a cidade ficou deveras ciente a esse respeito.

Paulo informou à igreja de Corinto o que alguns de seus membros pensavam dele, declarando: "As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal [*parousia*] dele é fraca, e a palavra desprezível." II Cor. 10:10. Significa isto que a "presença pessoal" do apóstolo não foi literal e visível, e que somente alguns dos coríntios tomaram conhecimento dela, quando ele trabalhou um ano e seis meses entre eles (Atos 18:11)?

Pedro, um dos doze apóstolos, escreveu com convicção: "Não vos demos a conhecer o poder e a vinda [*parousia*] de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da Sua majestade." II S. Ped. 1:16. Quando Cristo veio a este mundo, aproximadamente dezenove séculos no passado, Sua presença foi literal, pessoal e visível. Os homens viam Seu corpo, ouviam-no falar, conversavam com Ele e observavam-Lhe as atividades. Pregaram-no literalmente na cruz. João, um de Seus discí-

pulos, descreveu-O como Alguém “que temos visto com os nossos próprios olhos, . . . e as nossas mãos apalparam” (I S. João 1:1). Além disso, advertiu a todos contra a doutrina dos pretensos ensinadores cristãos que negavam ter Cristo vindo em carne (I S. João 4:2 e 3).

Os discípulos de Jesus perguntaram-Lhe: “Que sinal haverá da Tua vinda [*parousia*] e do fim do mundo?” S. Mat. 24:3. Respondeu o Salvador:

“Portanto, se vos disserem: Eis que Ele está no deserto, não saiais: Ei-Lo no interior da casa! não acrediteis. Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra até no Ocidente, assim há de ser a vinda [*parousia*] do Filho do homem. . . . Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; *todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória.* E Ele enviará os Seus anjos com *grande clangor de trombeta*, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.” Versos 26 a 31.

Segundo esta declaração de Cristo, um dos sinais de Sua vinda (*parousia*) seria a propagação do conceito de que ela haveria de ser um tanto secreta, e não visível e manifesta aos habitantes do mundo em geral. Ele nos advertiu contra essa idéia enganadora e declarou enfaticamente que Sua vinda (*parousia*) seria tão manifesta e visível a todos como o grande clarão do relâmpago que ilumina a Terra e o céu desde o horizonte oriental até o ocidental. Todos os habitantes da Terra ficarão sabendo quando ela ocorrer, pois então “*todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu.*” Ela não somente será acompanhada por uma ostentação de “*poder e muita glória,*” mas também por efeitos audíveis, pois os anjos serão enviados “*com grande clangor de trombeta*” a fim de levar os remidos para junto de seu Senhor.

Declarou Cristo ainda mais: “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda [*parousia*] do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda [*parousia*] do Filho do homem.” Versos 37 a 39.

O dilúvio que ocorreu nos dias de Noé não foi algo secreto e invisível, conhecido apenas por algumas pessoas justas. Constituiu literalmente uma catástrofe de proporções globais que cobriu de água as mais altas montanhas e destruiu quase toda a vida vegetal e animal deste planeta. (Ver Gên. 7:18-23.) Embora seja

verdade que apenas oito pessoas justas se salvaram entre os que viviam naquele tempo, por certo o grande número dos que pereceram estavam bem cientes da presença do dilúvio quando êle ocorreu.

Paulo escreveu que “assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na Sua vinda [*parousia*]” I Cor. 15:22 e 23.

Será a vinda de Jesus e a ressurreição dos justos mortos algo secreto e invisível? O apóstolo prossegue, dizendo neste mesmo capítulo: “*Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar dolhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis.*” Versos 51 e 52. Isto se harmoniza com as palavras de Cristo, mencionadas atrás, de que em Sua vinda Ele enviará Seus anjos “*com grande clangor de trombeta*” para reunir Seu povo junto de Si. Concorda também com o que Paulo escreveu a outra igreja:

“Nós, os que ficarmos vivos para a vinda [*parousia*] do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque *o mesmo Senhor descenderá do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus;* e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com êles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.” I Tess. 4:15-17.

Estas diversas passagens das Escrituras Sagradas indicam que a vinda (*parousia*) de Cristo à Terra será literal, pessoal, universalmente visível, e até audível. “Eis que vem com as nuvens, e *todo olho O verá,* até os mesmos que O traspassaram; e *tôdas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele.*” Apoc. 1:7. (Ver também Apoc. 6:14-17.)

Noutras passagens o Senhor nos exorta a estar preparados para Sua vinda (*parousia*), e adverte que não deixemos ninguém enganarnos com respeito a ela (ver I Tess. 3:13; 5:23; II Tess. 2:1-9; S. Tia. 5:7 e 8; I S. João 2:28).

Em vista de tudo o que Cristo e Seus apóstolos deixaram registrado para nossa informação no tocante a Sua segunda vinda (*parousia*) à Terra, a fim de levar os justos mortos e os justos vivos para o Céu, os adventistas do sétimo dia possuem realmente fundamento bíblico para sua crença de que ela será literal, pessoal e visível, e que tôdas as pessoas que vivem neste planeta notarão com clareza quando ela ocorrer.

EVANGELISMO - Almas para Deus



Fogo

J. R. SPANGLER

Secretário Associado da Associação Ministerial



A ESTRANHA fascinação do fogo tem atraído as mentes dos homens desde que Deus Se agradou de Abel e de sua oferta (Gên. 4:4).

É impossível salientar demasiadamente a responsabilidade que temos em proteger as propriedades denominacionais dos danos causados pelo fogo. O dinheiro perdido por negligência pode fazer com que a mensagem não alcance muitas almas, por falta de fundos. Apreciamos os esforços do Departamento de Seguros dirigido por nossa denominação, e instamos com nossos leitores para que tomem especial interesse em proteger devidamente as suas igrejas.

Necessidade de Fogo Espiritual

Ninguém desejaria que o edifício de sua igreja pegasse fogo, mas quem negaria a necessidade de haver um fogo espiritual em nossa organização? O freqüente simbolismo que nas Escrituras Sagradas é vinculado com o fogo, merece ser estudado. A Trindade é descrita por meio de expressões relacionadas com o fogo e seus efeitos. Lemos em Deuterônimo 4:24: "O Senhor teu Deus é fogo que consome." A revelação de Deus numa sarça ardente impressionou profundamente a Moisés com a pureza e o poder do Senhor. Quando Se comunicara com Moisés no cume do monte Sinai, o Senhor "descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente." Êxo. 19:18. "Dos céus te fez ouvir a Sua voz, para te ensinar, e sobre a Terra te mostrou o Seu grande fogo, e do meio do fogo ouviste as Suas palavras." Deut. 4:36. A majestosa grandeza desta cena de fogo e fumaça confirmou a autoridade e dignidade do transunto do caráter de Deus — os Dez Mandamentos.

Ao descrever a aparência do Senhor, Daniel relata que Seu rosto era "como um relâmpago,

os Seus olhos como tochas de fogo." Dan. 10:6. A descrição que João faz de Cristo concorda com a de Daniel, pois êle compara os olhos de Cristo a uma "chama de fogo," e as Suas pernas a "colunas de fogo." Apoc. 1:14; 10:1. Nosso Salvador é apresentado como "fogo do ourives" (Mal. 3:2). Estas descrições estão em harmonia com o conceito da coluna de fogo que guiava e aquecia os israelitas à noite, durante suas vagueações pelo deserto.

Anjos, Criaturas e Palavra

Os anjos de Deus são comparados a "labareda de fogo." Sal. 104:4. A visão que Ezequiel teve sobre as quatro criaturas viventes foi tão admirável e fulgurante que êle as descreveu por meio de expressões relacionadas com o fogo e o relâmpago. "O aspecto dos seres viventes era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e dêle saíam relâmpagos." Ezeq. 1:13. Citando as palavras do Senhor, disse Jeremias: "Não é a Minha palavra fogo?" Jer. 23:29. A promessa de Deus a Jeremias é significativa: "Visto que proferiram êles tais palavras, eis que converterei em fogo as Minhas palavras na tua boca, e a êste povo em lenha, e êles serão consumidos." Cap. 5:14. A experiência dêste mesmo profeta que certa vez na vida pensou em deixar de pregar, ajudou-o a descobrir a natureza e a influência da Palavra de Deus em sua própria existência: "Isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer, e não posso mais." Cap. 20:9.

Portanto, uma das expressões mais usadas para descrever a Divindade e Seu programa de salvação, diz respeito ao fogo ou palavras equivalentes.

Fogo Simboliza Aceitação

Em várias ocasiões Deus expressou Sua aceitação de pessoas ou coisas pelo uso do fogo. O fogo passou através das partes divididas da

novilha, da cabra, do cordeiro, da rã e do pombinho quando Deus fez um concerto com Abraão, e os devorou (ver Gên. 15). Gloriosa demonstração de fogo do céu consumiu o sacrifício oferecido por Moisés na dedicação do tabernáculo. Tão impressionante foi esta experiência, que os israelitas “jubilaram e prostraram-se sobre os seus rostos.” Lev. 9:24. Os pais de Sansão testemunharam a aceitação de seu sacrifício pelo fogo aceso por mão divina e pelo subir do anjo do Senhor nas chamas ardentes (Juizes 13:19 e 20).

Outra manifestação de fogo celestial ocorreu ao ser dedicado o templo de Salomão. Logo que este admirável dirigente acabou sua oração dedicatória, em que implorara eloquentemente as misericórdias divinas, uma labareda de fogo emitida por ordem de Deus “consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa.” II Crôn. 7:1. Os efeitos desta dinâmica demonstração de poder e glória impediram os sacerdotes de entrar no templo durante certo período de tempo. O impacto desta cena de esplendor levou os filhos de Israel a se encurvarem com o rosto em terra, e “adoraram e louvaram o Senhor, porque é bom, porque a Sua misericórdia dura para sempre.” Cap. 7:3.

O Profeta de Fogo

O nome de Elias e o fogo são quase sinônimos. A prova da supremacia de Deus ou de Baal baseou-se em fogo. “O deus que responder por fogo esse é que é Deus.” I Reis 18:24. A natureza consumidora da conflagração do Carmelo é revelada pelo fato de que foram devorados a água, a terra, as pedras, a lenha e o sacrifício. Este fogo especial não deixou dúvidas no coração dos espectadores a respeito de quem era o verdadeiro Deus. “O que vendo todo o povo, caíram de rosto em terra, e disseram: O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” I Reis 18:39.

O ferido Azarias que caiu dum quarto alto enviou mensageiros a Baal-Zebube, deus de Ecom, para saber se sararia ou não. Deus ordenou que Elias interceptasse esses mensageiros com uma repreensão em forma de pergunta. “Porventura não há Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecom?” II Reis 1:3. A exigência insolente de Azarias em resposta a esta pergunta custou a vida de 102 homens. Dois grupos de cinquenta soldados e um capitão cada um ouviram sua oração fúnebre dos lábios desse profeta de fogo. “Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então fogo desceu do céu, e o consumiu a ele e aos seus cinquenta.” Cap. 1:10. Não havia dúvida quanto a aceitação de Elias por parte de Deus. O Senhor o demonstrou por meio de fogo.

Partida em Carros de Fogo

A saída de Elias da Terra deu-se num carro de fogo, com cavalos de fogo (cap. 2:11). Eliseu, o sucessor de Elias, orou que os olhos de seu servo contemplassem uma cena semelhante em Dotã. O Senhor atendeu a esse pedido, e o môço “viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.” Cap. 6:17.

Gideão foi outra pessoa que participou da invejável experiência de testemunhar a aceitação por fogo. Ele viu o Anjo do Senhor estender a ponta do cajado e tocar a carne e os bolos asmos de sua oferta. “Então subiu fogo da penha,” e os consumiu (Juí. 6:21).

Davi teve de escolher entre três terríveis castigos. Isto se tornou necessário devido a sua própria ação insensata de numerar a Israel, e a decisão envolvia a vida de seu próprio povo. Ele precisou escolher entre a fome, a espada ou a peste. Davi preferiu cair nas mãos de Deus e não nas mãos dos homens. Por recomendação divina, ele comprou um lugar e holocaustos de Ornã. Construiu ali um altar, ofereceu sacrifícios, e o Senhor não somente deteve a praga, mas “lhe respondeu com fogo do céu sobre o altar do holocausto” (I Crôn. 21:26).

Equivalente Moderno Para a Aceitação por Fogo

Em nossa época mais esclarecida (?) religiosamente, as experiências da aceitação por Deus através duma manifestação exterior de fogo são desconhecidas. Contudo, a aceitação divina não é menos necessária para a igreja hoje em dia do que vários milênios atrás. Será que a igreja deve dar evidência desta aceitação, apresentando o “ouro refinado pelo fogo?” (Apoc. 3:18). Dar-se-ia o caso de que uma congregação que possuísse esse *ouro de fé e amor* fizesse a igreja parecer como estando em fogo? Será que se nós ministros dêssemos o exemplo de dedicar a vida à tarefa de conseguir esse ouro refinado pelo fogo, os membros seguiriam nossa direção?

Retroceder Significa Extinção

O simbolismo do fogo encerra valiosas lições para a igreja no tempo atual. O fogo é ativo, nunca passivo. Ele precisa avançar — retroceder significa extinção. Se ele permanecer inativo, deixará de ser fogo. O fogo não pode descansar, sempre está em movimento. Alastra-se, amplia-se e nunca poupa a si mesmo. O fogo nunca é auto-suficiente — sempre partilha com os outros. Nunca age por procuração. Existe por abranger a si mesmo. O fogo é entusiasta, não reservado. É inflexível na realização de seu objetivo. O fogo nunca busca a própria segurança. Nunca se detém a inquirir, mas con-



MÚSICA

Sagrado ou

Profano - II

Dr. HUGO DARIO RIFFEL

PARA compreender o lugar da música no culto e escolher a espécie de música apropriada para ser usada nos serviços religiosos, é necessário focalizar o problema sob dois aspectos: a história e as funções da música religiosa.

No artigo anterior procuramos fazer um comentário sobre o aspecto histórico, e em outros artigos consideramos as funções da música na religião. Repetimos algumas considerações, por serem fundamentais:

1. A música possui grande poder de evocação e traz à memória dos ouvintes os pensamentos que anteriormente se haviam relacionado com essa melodia.

2. Através dos séculos a música religiosa tem-se enriquecido graças à adoção de trechos

tinua queimando. Para viver, o fogo tem de consumir. Não pode viver do nada. O fogo preocupa-se apenas com uma coisa — queimar. Não pode ser afastado de seu propósito — êle queima tudo o que se encontra à sua frente. O fogo implica na entrega por parte daquilo que está queimando. O resultado é contagioso.

Nasceu Para Arder

O mesmo sucede com a testemunhadora igreja atual. Algemai-a, isolai-a, reprimi-a, lançai água sobre ela, fazei tudo o que quiserdes contra ela, mas continuará a arder! Foi o que aconteceu com a igreja do Nôvo Testamento. A oposição apenas serviu de fole para transformar-lhe as chamas em gigantesco incêndio que aqueceu gloriosamente a Terra com o evangelho de Cristo. Uma igreja inflamada para Deus é uma das mais animadoras idéias que a mente pode conceber. Uma igreja de um só propósito, que avança constantemente, que é submissa e revela espírito inextinguível — êste é o plano divino para o Movimento Adventista. Permita Deus que o simbolismo do fogo seja uma realidade espiritual em nosso meio. Assim como no santuário do passado, oxalá o fogo arda "continuamente sobre o altar," e não se apague (Lev. 6:13).

A igreja nasceu para arder!

profanos, cujo uso continuado os tem identificado tão plenamente com os usos litúrgicos, que no presente evocam nos fiéis idéias religiosas.

Estes fatos são importantes e devem ter mais valor do que nossas preferências pessoais na seleção da música a ser usada nas horas de culto, tendendo sempre para maior objetividade.

Ao procurar os limites atuais entre a música apropriada e a que convém evitar, deparamos com as mais diversas opiniões e costumes. Alguns, talvez no afã de atrair o público, usam música popular e abrem as portas da igreja para qualquer melodia, sem se preocupar com o que isto possa significar para os crentes. Outros, pelo contrário, cerram as portas da igreja a tudo o que lhes pareça mundano ou tenha origem secular, olvidando que muitos dos melhores trechos de música sacra baseiam-se em melodias profanas. Por fim há os indiferentes, às vezes demasiado numerosos, que não percebem a importância da música.

Sugerimos uma posição flexível, adaptada às condições próprias de cada lugar. Esta posição se deduz da resposta dada à seguinte pergunta: Que evocará esta música nos fiéis? Formulamos esta pergunta por ser esta a função primordial da música religiosa — evocar pensamentos santos e elevados. Portanto, aceitaremos todos os trechos que nessa congregação e nesse momento determinado cumpram com o seu objetivo, e rejeitaremos as melodias e os ritmos mundanos e também as obras cuja execução distraia a atenção dos fiéis com a destreza do executante ou a novidade do instrumento.

Qual é a importância da origem de uma melodia? A importância da origem é muito relativa e provavelmente mínima, visto que a música profana atual evocará pensamentos inconvenientes e será rejeitada, enquanto as obras originalmente profanas mas que os séculos têm incorporado à igreja serão aceitas, pois hoje evocam idéias religiosas.

Nosso maior desejo é que os ministros e outras pessoas responsáveis tenham recebido alguma orientação na tarefa de escolher a melhor música para ser apresentada como oferta aceitável ao Senhor.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Setuagésima Semana de Daniel 9 e a Teoria do Intervalo

(Continuação)

Sem verificar a exatidão ou inexatidão destes pontos, examinemos os pontos de vista da igreja primitiva sôbre estes assuntos. A igreja primitiva era premilenialista, mas o premilenialismo não equivale forçosamente ao futurismo, como muitos — tanto os futuristas como seus oponentes — supõem hoje em dia.

a. Os cristãos primitivos colocavam realmente no futuro grande parte das profecias (pela óvia razão de que a igreja incipiente, situada no limiar do livro de Apocalipse, vivia no próprio início do cumprimento), e eles aplicaram aos últimos dias a maioria dos cumprimentos futuros devido a esperarem que os últimos dias viessem muito em breve. Mas não aplicavam o quarto reino, as bÊstas do Apocalipse, o anticristo e a grande tribulação para depois da volta de Cristo e a primeira ressurreição.

b. Eles não encaravam o “período da igreja” como um parêntesis na profecia, ou interrupção dum período judaico que devia ser recuperado e completado sem a igreja, no futuro. Eles encontravam-se no meio dos cumprimentos proféticos — sob o quarto reino, que esperavam ser seguido pela desintegração do Império Romano e o surgimento do anticristo, que conduziriam ao segundo advento e ao reino. Divisavam continuidade na profecia e na História desde os tempos do Velho Testamento até o fim.

c. É verdade que eles consideravam literal o período profético dos 1.260 dias etc. Isto era natural, pois não esperavam que o mundo durasse 1.260 anos.

d. Eles consideravam que o Israel literal perdera o direito ao reino que ele rejeitara juntamente com o Messias, e criam que dali para a frente o verdadeiro Israel era o Israel espiritual — a igreja.

e. Imaginavam um domínio terrestre sôbre as nações não regeneradas, durante o milênio —

isto, embelezado com pormenores de abundância e prosperidade, foi por eles herdado dos apocalípticos judaicos — mas eles diferiam tanto destes últimos como dos futuristas modernos, em que o reino devia ser o dos santos cristãos, e não o dos judeus.

f. Concordavam com o ponto de vista apocalíptico-judaico (e também o futurista) de um anticristo como um tirano individual que exerceria o poder durante 3 anos e meio. Alguns deles aplicavam o tempo do anticristo para a segunda metade de uma setuagésima semana adiada, mas isto não era o ponto de vista da maioria; muitos comentaristas fizeram as 70 semanas terminar por ocasião ou próximo do fim da vida de Cristo sôbre a Terra. Convém lembrar que os que introduziam um “intervalo” nas 70 semanas tinham um conceito bem diferente dos futuristas atuais, pois eles esperavam apenas um breve intervalo até o fim; nem sequer cogitavam de tal anomalia como um intervalo de 2.000 anos inserido num período de 490 anos.

g. Eles situaram a grande tribulação (sob o anticristo da ponta pequena) antes da primeira ressurreição, e conseqüentemente acreditavam que a igreja estaria na Terra durante esse período. Encaravam-na como o próximo desenvolvimento na História após a esperada desintegração do Império Romano então existente, e precedendo portanto a vinda de Cristo.

h. Criam que Cristo dominaria na Terra, durante o milênio, por meio da igreja — os santos remidos tanto entre os judeus como os gentios — e não por meio dos judeus como um povo escolhido e separado fora da igreja.

i. Eles não dividiam as Escrituras em seções dispensacionais que atribuíam as Epístolas à igreja, a maior parte dos Evangelhos à época judaica etc. Consideravam os Evangelhos como

fundamentais e distinguam suas próprias tribulações no livro do Apocalipse. — *Questions on Doctrine*, págs. 305-307.

Idéias Para . . .

(Continuação da pág. 14)

ve-se ter o cuidado de não ser excessivamente sensacional. Convém escolher apropriada música especial. Leia-se a descrição do banquete nupcial em Apocalipse 19:1-9, e no livro *Primeiros Escritos*, pág. 19. Os votos podem ser renovados lendo em conjunto o Salmo 119:15 e 16.

O Assunto da Peregrinação

O assunto da peregrinação dá margem a ampliações. Antes de se estabelecerem em Canaã, os filhos de Israel comiam a páscoa de pé, para indicar sua condição de peregrinos. Esta idéia pode ser aplicada com propriedade à Ceia do Senhor. Pouco antes de ser servido o pão, um solista canta "Inda é Longe Canaã?" Para salientar então nossa condição de peregrinos, convém que a congregação permaneça silenciosamente em pé para comer o pão. É apresentado outro cântico especial antes da distribuição do vinho, que também deve ser tomado enquanto a congregação está em pé.

O tempo gasto com Cristo na preparação desta ordenança sagrada encherá o coração de vosso povo com o misterioso amor de Jesus. Êles serão purificados e fortalecidos pela encantadora e antiga história da cruz de Cristo.

O Pastor, a Igreja e . . .

(Continuação da pág. 15)

"....., faz cinquenta anos que tomaste a êste homem como teu legítimo esposo, para viver com êle no santo estado do matrimônio. Prometeste amá-lo, consolá-lo, honrá-lo e protegê-lo, na enfermidade e na saúde; e, renunciando a todos os outros homens, conservar-te somente para êle, enquanto ambos viverdes. Por cinquenta anos tens sido fiel a êsse voto. Queres agora, na presença de Deus, de teus filhos, netos e amigos, congregados aqui, renovar êsses votos e continuar tua fidelidade para com êle, enquanto ambos viverdes?"

A resposta deve ser afirmativa. Fervorosa oração de agradecimento e louvor a Deus concluirá essa cerimônia de aniversário de casamento, não sem felicitar carinhosamente os que durante, cinquenta anos ergueram bem alto a instituição matrimonial.

Com algumas modificações, esta mesma forma pode ser adaptada para os que celebram suas Bodas de Prata, tendo-se o cuidado de mencionar os familiares que êles possuem.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3.00
Número Avulso US \$ 0.50



Ano 33

N.º 3

NESTE NÚMERO

CAPA: © Review and Herald Publishing Association.
W. Morgan, pintor.

DEMASIADA AGITAÇÃO 2

ARTIGOS GERAIS

- "Purificai-vos"
Roberto H. Pierson 3
- Cristo Como Dirigente
Gaston Clouzet 5
- Uma Carta Pessoal do Presidente da Associação Geral
Roberto H. Pierson 8
- Mulheres em Tempos de Crise (Conclusão)
D. A. Delafield 10

OBRA PASTORAL

- Idéias Para Tornar Belo e Significativo o Serviço de Comunhão
Martin C. Shain 13
- O Pastor, a Igreja e as Ocasões Especiais — I
Daniel E. Luorno 15
- O Dinamismo de um Ministério Bem Sucedido (Conclusão)
Wesley Amundsen 16

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

- Os Adventistas do Sétimo Dia e a Parousia
Roberto L. Odom 18

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

- Fogo
J. R. Spangler 20

MÚSICA

- Sagrado ou Profano — II
Dr. Hugo Dario Riffel 22

PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA

- A Setuagésima Semana de Daniel 9 e a Teoria do Intervalo (Continuação) 23

